

Dos direitos dos homens e mulheres em tratamento analítico

Marièle David

Os direitos dos analisandos
diante das discórdias e polêmicas
instaladas entre os próprios analistas.

“É preciso estabelecer-se fora de si mesmo, à margem das lágrimas e na órbita das fomes, se quisermos que se produza algo fora do comum e destinado somente a nós”.

Renê Char.

A França festeja este ano o bicentenário da Revolução Francesa. Nem todos em nosso país apreciam a importância dada a este evento. Contudo, a maioria dos homens e das mulheres estão de acordo, tanto aqui como no estrangeiro, quanto ao imenso progresso que a declaração dos direitos do homem trouxe para a civilização.

No microcosmo do mundo analítico, há rumores de tempestade. O público, advertido por nós mesmos sobre nossas discórdias, nos coloca a questão: “E os direitos dos pacientes, dos analisantes: vocês os respeitam?”

Frente a essa solicitação, não podemos nos calar sem comprometer o futuro da psicanálise. Apresentarei aqui alguns testemunhos de um trabalho analítico que será centrado em torno da noção de “direitos do sujeito no Real do tratamento”

Marièle David — psicanalista. Este trabalho foi encaminhado para publicação durante o 1.º Encontro Franco — Brasileiro, promovido pela Association Psychanalytique Française, em julho de 1989.
Tradução: Vivian Montag e Renato Mezan

vel e Interminável". Conclui falando sobre a dificuldade, para o homem, de superar "sua revolta frente à disposição passiva ou feminina em relação a outro homem", e para a mulher, a "rocha inabalável" parece-lhe ser o desejo insatisfeito de um pênis.

Vamos estudar hoje o lado do homem. Como é estranho que Freud formule este medo da passividade, quando teve que imigrar por causa de milhões de homens que levantaram o braço para Hitler e o seguem unanimemente em todas as loucuras que os conduzirão à perdição! Freud já havia analisado, havia muitos anos, os mecanismos pelos quais Hitler obteve êxito: a histeria de uma massa tão "extraordinariamente influenciável e crédula", que podia se dirigir para o pior: a destruição da civilização. Mas como numerosos judeus antes e durante a última guerra, foi-lhe difícil deixar o lugar onde vivia; somente pressionado por amigos, finalmente emigrou para a Inglaterra. Sim, nessa época Freud não podia encorajar a posição passiva de um homem frente ao chefe. Era preciso, ao contrário, estimular a resistência a tal tentação, ao menos à primeira vista!

Tive oportunidade de acompanhar em análise um paciente que apresentava essa revolta e recusava essa posição passiva ao homem: o que, como nota Freud, o incomodava bastante em todas as suas relações, em particular no trabalho, embora tivesse a sorte de viver num meio razoavelmente tolerante. Este homem, numa relação pessoal muito intensa com a mãe, sofria de uma desvalorização do papel e da pessoa do pai. O que se revelou através da análise é que, para remediar esta insuficiência, esta perda imaginária, ele havia forjado uma figura de pai idealizado, onipotente, portador de um falo que ele, evidentemente, temia que o destruísse.

Insisto aqui em que foi a própria psique do paciente que formou este ideal, contrariamente ao que se passa na fobia, onde, através do inconsciente do Outro, sobrevém este Outro do Outro terrorífico, que, num espaço preciso, pode tornar-se perigoso. O sujeito vivia a si próprio, assim, sob a ameaça constante de ser destruído na sua intimida-

A religião cristã,
através da paixão
de Cristo e dos
Santos, deu bem
conta dos fantasmas
que ligam um
filho a um pai
idealizado.

de, no seu próprio inconsciente, pela onipotência inventada por ele.

O que distinguiu este caso de uma paranóia delirante foi que o paciente pôde tomar consciência de que era ele que projetava sobre outrem seus próprios fantasmas, e que eu era, na transferência, uma pessoa diferente dele próprio. Havia algo de Outro no outro que eu era.

Eis o primeiro sonho transferencial deste paciente.

"Havia uma mulher ao meu lado, e, dentro de uma panela de pressão, uma velha panela de alumínio, em uma liquidação, havia um cestinho. Eu o chacoalhava. Era contrário à física, às boas maneiras. É como minhas crises de... Esta mulher quer se casar comigo. Isto confunde tudo. Sou eu que chacoalho o cestinho da panela. Para um objeto metálico, era até bem carnal. Acontece que é horrível. É como uma maldição. Por causa disto, não posso estar com os outros, porque não posso viver minha vida com esta tara... Não é normal puxar, chacoalhar objetos. Por causa disto fico em casa. Espero uma espécie de exorcismo".

A pulsão por um objeto mediado por uma mulher-analista está aqui claramente expressa, assim como a culpabilidade que a acompanha. Este sonho me chama ainda mais a atenção, porque, no Congresso de Lille da ex-EFP, em setembro de 1978, eu havia formulado a hipótese de que o amor, através da pul-

são de morte, se dirige a um objeto que sempre nos aparece nos sonhos sob a forma de uma trama, de uma trançamento, de um pergaminho, sobre o qual se inscreverá a sucessão dos objetos causa do desejo.

Que o outro fosse portador deste objeto razão do amor não impedia a psique do paciente de sofrer por causa do buraco que ocupava esta origem do inconsciente, e que, no caso deste homem, o fazia sofrer ainda mais, já que ele não havia escolhido nenhum mecanismo perverso de desprezo e de destruição do outro em benefício do falo imaginário. Contentava-se, como seu sonho indica, em se isolar dos outros. Meu trabalho de restauração foi duplo:

— Tecer em silêncio, pacientemente, longamente, o tecido do amor que deve estar na origem do inconsciente de cada um. Para tornar-se objeto perdido, é necessário que ele tenha estado lá no início.

— Por um movimento inverso, provocar no ritmo analítico mudanças de velocidade suficientes para evitar a rotina, e para que emergissem os fantasmas que estavam ligados à penetração do amor pelo falo idealizado e onipotente do pai. A religião cristã, através da paixão de Cristo e dos martírios dos santos e em especial de São Sebastião, deu bem conta dos fantasmas que ligam um filho a um pai idealizado. Emergência que foi, neste caso, uma passagem muito difícil.

Após vários anos deste paciente labor, o analisando pôde enfim dizer: "Um dia, eu poderei deixá-la porque a senhora me deu alguma coisa". Sejam justos, ele havia pago por aquilo.

A patologia psicossomática que existia desde a infância se atenuou muito: ela estava ligada ao fato de que, para este paciente, entre ele e sua mãe existia somente um inconsciente para dois.

A partir deste reconhecimento de um dom, este paciente pôde suportar uma carência renovada de seu pai, sem recorrer a uma idealização destrutiva. Aceitando na realidade a ausência do pai num acontecimento familiar ao qual este pai deveria ter comparecido, ele pôde enfim assumir plenamente seu próprio lugar de pai.

Chamou-me a atenção como, imediatamente após essa etapa da análise, ele foi convidado a assumir em seu trabalho responsabilidades bem maiores. Através de seu acesso ao simbólico, ele havia adquirido esta “caução do Outro” necessária para suscitar confiança. A fantasia “um homem pode amar outro homem” deixou de ser insuportável, e suas relações com seus colegas se tornaram mais fáceis.

No entanto, o trabalho analítico não estava terminado.

I. Por mais paradoxal que possa parecer, o acesso a esta “coisa” tecida, intrinsecamente feminina, tem como efeito permitir o acesso à masculinidade. Pois Eros, cuja essência masculina já foi indicada por Freud, faz sua aparição a partir deste instante. A letra causa do desejo pôde enfim ser inscrita.

O homem percebe então que possui um pênis e se encontra submetido ao complexo de castração.

“Eu estava com meu pai. Nós deveríamos cortar a cabeça de alguém. Eu não sabia de quem se tratava. Era vergonhoso mas era preciso fazê-lo”.

Eu propus a interpretação de que a pessoa desconhecida do sonho era a analista, e que era preciso cortá-lhe a cabeça porque ela estava no lugar de sua mãe, que tinha raiva do pênis dele.

— Não me surpreende que uma analista me responda isso.

Na sessão seguinte ele trouxe um sonho de reconciliação com as mulheres, que comentou do seguinte modo: “não compreendo nada de suas interpretações; desde o começo é assim, mas sou obrigado a constatar que isto funciona”. Deve-se então diferenciar o complexo de castração do complexo de perseguição: — o primeiro concerne ao objeto causa do desejo, — o segundo, ao objeto razão do amor.

II. Para permitir a eficácia do sonho sobre a vida afetiva do paciente, teve de ser levada em conta e analisada uma resistência ligada ao contexto sócio-cultural no qual ele foi educado. O próprio Freud integrou, em seus ensaios sobre a identidade, o

Para este paciente, o sucesso da psicanálise, que passa pela realização das pulsões, estava em oposição aos ideais religiosos da família.

estudo dos mecanismos que negociam o religioso, o exército e o corpo social. Atualmente um conceito trazido pela terapia contextual de Bozormenyi-Nagy parece ser muito adequado para evocar este tipo de resistência. Trata-se da *lealdade*.

O conceito amplia a noção de culpabilidade, centrando-a sobre o desejo do sujeito de manter os ideais familiares. “Ser um membro leal do grupo implica a internalização do espírito das expectativas do grupo e um comportamento de acordo com as injunções internalizadas. O não-cumprimento das obrigações de lealdade conduz a sentimentos de culpa existenciais, que constituem um sistema de forças reguladoras secundárias e que intervêm na homeostase do sistema familiar¹.”

Para este paciente, o sucesso da psicanálise, que passa pela realização das pulsões, estava em oposição com os ideais religiosos da família. Como todo adolescente o paciente tentou mexer com as crenças e os lugares de cada sujeito dentro da sua família: fracassou completamente.

Mostrei-lhe então que se encontrava diante de uma escolha ética, que somente ele poderia fazer. Foi-lhe então dada a liberdade de aceitar que há o impossível: estar inteiramente para si, sozinho. As mulheres deixavam de pô-lo em perigo pelo simples fato de serem mulheres.

Tendo integrado na origem de

seu próprio psiquismo o tecido feminino do amor, ele pôde garantir sua própria masculinidade e aceitar que uma mulher se tornasse portadora da razão de seu amor sem ser destruído pela realidade da diferença sexual.

Voltemo-nos agora para o lado mulher, para este tropeço, segundo Freud, da análise de uma mulher: a inveja do pênis. Maria Torok mostrou o quanto se tratava da inveja de um pênis idealizado. Uma paciente sofria desse sintoma, que a levava a ser — a sentir-se — extremamente agressiva com seu filho. Esse sintoma era uma peça num quadro mais amplo, que André Green descreveu no artigo “A mãe morta”. Depois de um acidente de carro, a mãe da paciente desapareceu por longos meses num hospital, para voltar transformada: sua alegria de viver havia desaparecido, e a paciente viu-se diante de uma mãe que daí por diante “estava ali sem estar”.

A cena primitiva sadomasoquista tinha aqui um lugar-chave. A paciente pensava que tinha interesse em devolver um pouco de vida à sua mãe, mas ela aprisionava sua própria sexualidade em fantasias sexuais masoquistas.

Pouco a pouco a paciente voltou a dormir e parou de fugir para atividades hipomaníacas, que aliás reasseguravam sua mãe; e pôde colocar mais distância entre as duas.

Aconteceu então um amor por outra mulher, que permaneceu platônico, mas a deixou muito embaraçada.

— O que vou fazer com isso? Como estou triste! e dizendo isto ela exprimia sua grande tristeza.

Respondi que ela procurava junto à sua amiga algo de um amor que ela tinha direito de ter aqui. Pagando há tanto tempo, ela tinha direito àquilo.

Na seção seguinte, ela contou um sonho.

“Meu pai havia morrido, eu não estava triste por isso. Passava com meu marido por uma livraria. É a única loja que lhe interessa de verdade, e estou contente em estar com ele”.

Depois comentou:

“Não me sinto mais uma nulidade, tampouco genial, mas sim amável.

Gostaria de transmitir isto. Gosto de meu trabalho, mas gostaria de fazer mais. Quanto à minha amiga, disse-lhe que a amava, ela me respondeu que ela também, e agora não penso mais nisto.

Estou contente. Sinto que enfim vou poder usar saias e vestidos. Mas o que me deixa inquieta é que, quando faço amor com meu marido, não consigo imaginar mais coisas como antes”.

Respondo-lhe que isto não tem nada de inquietante; que isto estava ligado a um período de transição do seu desejo.

Uns quinze dias mais tarde:

“Sonhei que estava sobre os joelhos da minha mãe; ela tinha o cabelo branco, e eu me dizia: “No fundo aquilo não foi tão triste, nem tão penoso. Estou contente. A senhora tem razão. Agora começo a poder ter prazer com a simples presença do meu marido. A senhora tinha me dito que o que eu procurava era um novo amor; decidi que isto seria com ele. Aliás, vamos deixar Paris para morar numa casa”.

O comportamento psicoanalítico conseguiu “introjetar”² na relação transferencial o objeto razão do amor, esta parte de Alteridade “como todo mundo” conforme à Lei à qual todo sujeito tem o direito de aceder. Recordo aqui uma frase comovente de Lacan, publicada no *Le Monde* de 24.01.1980:

“Se acontecer que eu me vá, digam que é a fim de ser Outro enfim. Podemos nos contentar em ser Outro como todo mundo, depois de uma vida inteira passada querendo sê-lo apesar da Lei”.

E nós podemos precisar que, se o “Outro contrário à Lei” é o lugar de um pai idealizado e onipotente — aquele que forjaram os inconscientes de nossos pacientes —, “o Outro como todo mundo” tem o mérito de introduzir a dívida ligada ao amor. O deslocamento para outro lugar do objeto razão do amor forma o Pai Morto, que para Freud, e depois para Lacan, foi o suporte da lei.

Assim, podemos escrever aparentemente com Roger Zagdoun³: “Uma mulher só pode gozar do pai — no seu fantasma — se ele estiver morto. Ela só pode tê-lo morto”. Ou ainda: “Quando ela o tem, ele morre”. De fato, ela não mata o pai. Renunciando ao pai idealizado, ela as-

sume o pai morto.

Nesse ponto, a análise dessa paciente não havia terminado. O sonho onde seu pai está morto, onde ela segue seu marido a uma livraria, nos coloca na direção que a sublimação permitirá à sua sexualidade.

Mas, por enquanto, a paciente sentia ainda uma clivagem entre o amor por seu marido e aquilo que para ela tinha sido até então o desejo, e que por muito tempo a levava subitamente, fora das relações de amor, a ligações decepcionantes.

“Uma mulher
só pode gozar do pai
— no seu fantasma —
se ele estiver
morto.”

Para ligar o amor e o desejo (e permitir às pulsões reintrincar-se, conduzindo sua sexualidade a expandir-se mais abertamente) era necessário, depois de haver feito “passar” para a pró-transferência objeto razão do amor, que eu o vinculasse ao objeto causa do desejo. Nisso, apenas segue o ensinamento de Lacan, que afirma que o analista deve em certos momentos tomar o lugar do Outro e em outros o da causa do desejo. Precisamos, no entanto, que se trata do Outro “comum e conforme a Lei” e da causa do desejo tomada no sentido Real.

O que eu quero dizer aqui com esta noção de Real?

É a própria paciente que, na sessão seguinte, nos explica isso. “Estou contente, pude enfim exprimir a meus pais que estou aborrecida. Minha mãe, a pretexto de estar cansada, não quis cuidar do meu filho. Pois bem, eu soube que ela tomou conta de seu filho. Então eu disse para ela: “não, não estou de acordo”. Habitualmente, sou “uma maçã”⁴ de pessoa”. Mas isso já é demais.

Eu: “Com efeito, é preciso renunciar a ser uma “maçã” poder pegar aqui uma “maçã” para você”.

Ela: “Sim, realmente é o cúmulo”.

Eu: “Você precisava ser sempre uma “maçã” para fazer viver sua mãe”.

Ela: “Sim. Agora chega. No fundo, para dar qualquer coisa, é preciso primeiro tê-la tido. Meu marido também é uma “maçã”. Por ter me suportado como eu estava antes da análise, só sendo uma “maçã”. Tive um sonho. No meu armários havia alguma coisa podre. É um sonho curioso. Era queijo, e eu joguei fora. Antes eu me dizia, por exemplo, que desejava um sorvete de pistache e acreditava que queria mesmo um sorvete de pistache. Agora sei que aquilo que desejo é impalpável. E no entanto, quando se é amado, sentimos isto de verdade. Me pergunto sobre a minha análise. As pessoas que conheço e que fazem, dizem que faz sofrer muito. Eu não tive esta impressão. Penso no meu filho; agora ele vai realmente bem”.

Aqui, o significante *maçã* me interpela. Lacan introduziu como exemplo do objeto “a” a bola de rubgy na partida. Seguindo sua pista, como já havia dito em Lille, em 1976, que a causa do desejo aparecia em sua primeira representação sob a forma da esfera, que inscreve a primeira letra sobre a trama do amor, do mesmo modo que uma bola, atingindo a rede, marca um gol. Utilizei então a metonímia do “balão de vida”. O importante é: dar, neste lugar onde o amor foi situado, sinal de vida. Embora o mais simples seja jogar de novo a bola para um paciente, quando ele a manda para nós.

Trama de amor e bolas do desejo são tão antigas quanto o inconsciente, sem dúvida, já que estão na origem dele. Os antigos os usavam como objetos dos mistérios, e eles foram capturados pelas cinzas do Vesúvio, que deixaram intacta esta mulher com véu grande colocada por Lacan na capa de *Televisão*.

Quanto à esfera, Danièle Pomey, num livro dedicado ao sonho em

Psicossomática, escolheu para ilustrar “A bola da vida” um ídolo cicládico redondo datando do século XXV a.C.⁵

Hoje, com as palavras mais simples, podemos exprimir esses símbolos. O exemplo dado pela paciente [xixi — passagem do sorvete de pistache — que podemos escutar como *pisse-tache*, xixi-mancha, N.T.] — para o desejo impalpável é particularmente interessante, porque exprime como um sujeito pode se servir da linguagem em vez de no lugar do Real: xixi (*pisse*) e mancha (*tache*) exprimem o impossível da relação sexual quando o sexual mantém sua marca fálica.

Inversamente, o “impalpável” pode ser escrito. A escrita do desejo sobre o tecido do amor deixa aparecer uma outra cena: a da ligação entre o amor e o desejo. O sujeito em análise tem o direito de acesso a esse lugar e aos mistérios do Real. Este lugar nos leva aos lugares da vida e da morte, da ciência e da arte. A arte do analista foi restituir, no momento adequado, estes objetos neste lugar de verdade do Real, quando o sujeito pôde renunciar à posse das coisas que lhe apareciam como detritos, para entrar no “impalpável”, mas não menos Real, do desejo e do Amor.

Vimos que um homem e uma mulher estão submetidos às mesmas pulsões sexuais. Do ponto de vista de Freud, estes objetos inconscientes, que constituem o isso “lá onde nós devemos advir”, são a própria sexualidade.

Para o homem, a restituição do objeto de amor acarreta *ipso facto* o complexo de castração, porque o homem sabe que possui um pênis capaz de ser cobiçado. A aceitação da castração que se separa do objeto feminino do amor, através da noção do impossível, permite-lhe desabrochar seu potencial criador, a través do próprio Ato que é escrita. O homem se serve desta causa do desejo para inscrever seu nome, seu sobrenome, notas de música, para pintar sobre a tela do Outro. Para agir e para pensar.

Para uma mulher, é sobre a causa de seu desejo que incide a castração. Mas só se pode perder um objeto depois de tê-lo tido em sua própria psique. Como Freud indica em seu

artigo sobre a denegação, aquilo que é exterior ao ego esteve primeiro no interior dele. Como indica Lacan, em seu seminário de 15.01.1974, a propósito de uma mulher, “a união sexual só existe nela”. Com justeza ele opõe esta mulher à histórica, que recusa que esta união do desejo e do amor deva ligar um homem e uma mulher. O que permite à histórica escapar à castração, uma vez que o falo substitui para ela a causa do desejo do lado homem, e que ela o castra. Ao contrário, através da cas-

O poder
totalitário se organiza
sobre a destruição
do próprio lugar
do Real.

tração, a causa do desejo é reconhecida como masculina, como esta bola, que através do ato sexual, depositará nela, realizando “nela mesma a união sexual”, o homem, mas desta vez não “por acaso”.

A castração preparará a mulher para se privar destes objetos primordiais, que ela deverá transmitir a seus filhos a fim de os constituir como sujeitos e lhes permitir escapar ao vazio do sofrimento psicótico.

O direito do sujeito em análise é ter acesso à aceitação da diferença sexual e ao milagre do dom, do perdão do abandono do Real em sua verdade, que nos faz advir “lá onde isso era”.

Este direito será específico da ética analítica?

Aqui, eu afirmo: de modo algum. Este direito ao Real, como lugar de Verdade do sujeito, constitui sua parte de inconsciente, necessária à declaração dos direitos do homem e a um estado de direito. Para se persuadir disto, é suficiente observar o que se passa desde que existe a psicanálise. Todas as ditaduras, sejam o stalinismo, o nazismo, o fascismo

na América do Sul, tornaram impossível a prática da psicanálise. Na América do Sul, o segredo da relação analítica foi tido como um perigo. O ditador se faz inimigo da liberdade do sujeito, que se origina antes de tudo na livre circulação dos objetos pulsionais entre os sujeitos. O poder totalitário se organiza sobre a destruição do próprio lugar do Real.

Aqui somos levados a fazer um desvio pelo drama da paranóia. Freud escreveu que “ele teve êxito onde o paranóico fracassa”. O que diz disto?

Neste lugar do Real ao qual conduz um tratamento analítico, o paranóico encontrou o sofrimento do vazio. Para ele, para ela, freqüentemente falta esta herança misteriosa, invisível mas não menos Real, que nos foi transmitida primeiramente por aqueles que nos educaram, nossa mãe, nosso pai. Para evitar a falta de objetos pulsionais e o sofrimento deste vazio, o paranóico afirma que aí só existe mentira, podridão a ser destruída. Sua imagem e o poder de um todo-poderoso constituem daí por diante a Lei. Hitler queimou os livros de Freud, bem como outras obras científicas e artísticas que ele via como inimigos da raça ariana, contrariamente ao judaísmo, que fez seu Deus do deslocamento para o outro lugar, da escrita.

A escolha do Real como lugar de Verdade primeira do sujeito é indissolavelmente ligada ao contexto político e social.

O direito dos homens e mulheres em tratamento analítico é o de todo o sujeito que, pela sorte de viver na democracia, adquiriu a liberdade de exprimir os mistérios do Real. ■

Notas

(1) J. Miermont, *Dictionnaire e thérapies familiales*, Ed. Payot.

(2) Termo analítico que N. Abraham e Maria Torok opõem à incorporação.

(3) Roger Zagdoun: *Droite et Gauche*, Ed. Encre.

(4) Nota da Tradutora: “pomme”, na gíria, significa alguém muito cordato, uma “flor de pessoa”, ou um “banana”.

(5) Danièle Pomey: *Bien dans sa peau, dans sa tête*, Ed. Centurion.